

A ascensão econômica da China continua a desafiar previsões pessimistas

Opinião 16h35 de 23 de fevereiro de 2024

Paulo Nogueira Batista Jr.

, Atualizado às 21h22, 28 de fevereiro de 2024



A ascensão económica da China continua a desafiar as previsões pessimistas.mp3
00:0007:32

Nota do editor: *Decision Makers é uma plataforma global para os tomadores de decisão compartilharem suas percepções sobre os eventos que moldam o mundo de hoje. Paulo Nogueira Batista Jr., economista brasileiro, foi vice-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB) e diretor executivo para o Brasil e outros países do Fundo Monetário Internacional (FMI). O artigo reflete as opiniões do autor e não necessariamente as opiniões da CGTN.*

A ascensão econômica da China, que dura há décadas, continua inabalável, apesar da má vontade e das previsões pessimistas de uma desaceleração acentuada e até mesmo de uma crise, vindas de instituições e economistas ocidentais. E, mais importante ainda, apesar das sanções econômicas e da pressão política aplicadas pelos Estados Unidos nos últimos anos. A economia chinesa continua notavelmente resiliente. Desacelerou, mas continua a expandir-se a um ritmo apreciável de cerca de 5% ao ano. Apostar contra a China revelou-se um empreendimento malfadado.

Tomemos, por exemplo, dados sobre o desempenho econômico recente e as previsões de curto prazo do FMI. O que se destaca é que o crescimento do PIB da China continua a exceder o dos países desenvolvidos por uma margem considerável. Em 2023, a economia da China cresceu 5,2 por cento em termos reais em comparação com 2022, enquanto as economias desenvolvidas, 1,6 por cento. Para 2024, o FMI prevê uma desaceleração moderada na China, para 4,6 por cento. Espera-se que os países de alta renda cresçam 1,5 por cento. O crescimento do PIB da China foi superior ao de outros países de mercado emergente e em desenvolvimento em 2023 e, assim, a participação da China na economia mundial voltou a subir, para consternação daqueles que projetavam ou desejavam uma inversão desta tendência. Esta reversão ainda pode acontecer algum dia, mas não está no horizonte. As projeções de curto prazo publicadas pelo FMI, por exemplo, ainda mostram a China crescendo relativamente aos países desenvolvidos.

Historicamente, o tamanho econômico relativo sempre foi um fator-chave por trás do poder nacional. Os EUA estão perfeitamente conscientes disso. Veem a China como seu

principal concorrente, até mesmo seu inimigo. Pode dizer-se, na minha opinião, que a China não procurava um confronto com o Ocidente. A China parece ter acreditado, ou esperado, que continuaria na ascensão pacífica iniciada nas últimas décadas do século XX. Não foi possível. A ascensão poderia ser pacífica se, e apenas se, não ameaçasse deslocar os EUA da sua tão apreciada posição dominante. Na última década, os EUA passaram a perceber esta possibilidade como real.

Os desejos colidiram com a realidade, como costuma acontecer. Quer os americanos aceitem ou não, os EUA já não são a nação incontestada e a maior economia. O PIB da China, medido em termos de paridade de poder de compra (PPC), tem sido, há uma década, maior do que o dos EUA. Numa base de PPC, a China representa atualmente cerca de 19 por cento da economia mundial, enquanto os EUA, cerca de 15 por cento. O PIB per capita é muito mais elevado nos EUA, mas em termos de dimensão econômica absoluta a China ultrapassou os EUA



Se a referência for o PIB baseado na taxa de câmbio de mercado, a dimensão da economia dos EUA ainda é maior do que a da China, dado o seu nível mais elevado de desenvolvimento econômico. Contudo, este critério, embora muitas vezes preferido pelos meios de comunicação ocidentais, é enganador. Isto ocorre porque as taxas de câmbio são voláteis; eles flutuam em termos nominais e reais, muitas vezes de forma acentuada. Por definição, os PIB baseados na taxa de câmbio do mercado aumentam e diminuem, refletindo estas flutuações. Se uma moeda se valoriza, o PIB do país medido em dólares aumenta. Estas variações têm pouco a ver com o crescimento econômico real.

Aqueles que não estão familiarizados com a mentalidade americana podem achar um pouco estranho, até infantil, que tais classificações sejam motivo de preocupação nos EUA. No entanto, desde a primeira metade do século XX, quando os EUA ultrapassaram o Reino Unido e outras nações europeias como principal potência econômica, os americanos habituaram-se a ser o número um. Com o passar do tempo, esse status tornou-se para eles uma característica natural do mundo. Eu morava nos EUA quando a China se tornou a economia número um em termos de PPC. Os americanos ficaram em estado de choque. A súbita constatação de que tinham perdido a *pole position* levou a reações não construtivas. Por exemplo, há uma tentativa rotineira de varrer as comparações baseadas em PPC para debaixo do tapete. Muito mais grave ainda, a perda da posição de liderança ajudou a alimentar o medo bipartidário e generalizado de que a China constitui uma grande ameaça para os EUA em termos econômicos, políticos e militares.

A atitude prevalecente relativamente à ascensão económica da China é compreensível, mas até certo ponto irracional. Fatos são fatos. Podemos negar fatos desagradáveis e não querer ver realidades inconvenientes, mas no final das contas isso é inútil e normalmente contraproducente. A realidade prevalecerá sobre as preferências subjetivas.

Um estado de negação é prejudicial em mais de um aspecto. Impede que aqueles que estão delirando reajam de forma objetiva e construtiva a realidades de que não gostam. E, pior, leva-os a tentar prejudicar os concorrentes através de boicotes, sanções e perseguições. Agora, o que se consegue com isso? A nação em ascensão é obrigada a tomar ela própria medidas retaliatórias. E mesmo que isso não aconteça, o grau de interligação económica cria uma situação em que as sanções contra uma grande economia inevitavelmente repercutem na potência sancionadora. O crescimento da potência em ascensão irá provavelmente sofrer alguma desaceleração, mas o mesmo acontecerá com o crescimento da economia que inicia sanções.

O establishment dos EUA sem dúvida percebe isso. No entanto, prossegue com a abordagem hostil contra a China e, na verdade, contra qualquer nação que considere uma ameaça real ou potencial à sua hegemonia económica e estratégica. As considerações geopolíticas prevalecem sobre os cálculos económicos.

Durante séculos, o Ocidente se acostumou, se “viciou” talvez seja uma palavra melhor, a ditar termos a todos os outros países. A maior parte do mundo foi atraída para a sua esfera de domínio, tornando-se colônias ou semicolônias. O Ocidente governou o resto do mundo. Na China, europeus e americanos impuseram “o século de humilhação”, que durou de meados do

século XIX a meados do século XX. Mas esta época da história mundial já passou. Vem emergindo um mundo multipolar, quer o Ocidente goste ou não.

Idealmente, os americanos e os europeus chegariam a um acordo com este novo mundo e reveriam o seu comportamento, tornando-se mais respeitosos com as outras nações e menos propensos a interferir na forma como elas gerem os seus assuntos. Contudo, a julgar pelos acontecimentos recentes, esta expectativa positiva parece longe de estar garantida, para dizer o mínimo. No geral, uma atitude de resistência militante às tendências internacionais parece prevalecer no Ocidente. É um prenúncio de tempos difíceis para todos.

(Se quiser contribuir e tiver conhecimentos específicos, por favor contacte-nos em opiniões@cgtn.com.

Siga @thouse_opinions no Twitter para descobrir os comentários mais recentes na Secção de Opinião da CGTN.)